

# Tradição e Modernidade em Moçambique: Uma reflexão a partir de Niketche, de Paulina Chiziane

## Tradition and Modernity in Mozambique: A reflection from Niketche, Paulina Chiziane

Hélio Márcio Nunes Lacerda (UFT)<sup>1</sup>

Lianja Soares Aquino (UFT)<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações a respeito do embate travado entre tradição e modernidade no romance *Niketche*: uma história de poligamia, da autora Paulina Chiziane. O que propomos aqui é refletir sobre as diferenças culturais existentes em Moçambique; a maneira que os diferentes grupos convivem e se organizam; e como a literatura é ferramenta importante nesse processo de reflexão. Nosso interesse em investigar o referido assunto se justifica pela tentativa de contribuir com os debates a respeito do ensino da história e da cultura africana nas escolas e na Universidade.

**Palavras chave:** Modernidade; *Niketche*; Tradição.

---

**ABSTRACT:** This paper aims to present some considerations regarding the clash between tradition and modernity in the novel *Niketche*: a history of polygamy by Paulina Chiziane. We propose the reflection on the cultural differences in Mozambique; the different way of life from each group and how they organize themselves; and like literature is an important tool in this process of reflection. Our interest in investigating this kind of issue is justified by the attempt to contribute to the debates about the teaching the African history and culture at schools and University.

**Keywords:** Modernity; *Niketche*; Tradition.

---

---

<sup>1</sup> - Mestrando em Ensino de Língua e Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: helio.lacerda@ifto.edu.br

<sup>2</sup> - Mestranda em Ensino de Língua e Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: lianja@gmail.com

Este trabalho investiga o embate entre a tradição e a modernidade no romance de Chiziane, tendo como epicentro norteador a trajetória da protagonista do romance, Rami.

De igual modo, será analisada a obra como possibilidade metafórica da condição de Moçambique que, depois de expulsar os colonizadores, se vê sem um estado que diga-lhe o que fazer. Nesse sentido, a protagonista do romance, Rami, pode ser interpretada como uma jovem nação que, aos trancos e barrancos, busca sua autonomia bem como o reconhecimento de sua valorosa história de lutas, guerras, derrotas e vitórias.

Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane (2004), narra a trajetória de Rami, uma mulher negra que vive na parte norte de Maputo, capital de Moçambique. Ela é mãe de cinco filhos e casada com Tony, chefe da polícia local. A história é contada por um narrador-personagem que relata, além dos desencantos de uma mulher monogâmica diante da infidelidade do marido, as diferenças e conflitos existentes em Moçambique.

O episódio de abertura pinta uma cena comum em que o filho mais novo de Rami, Betinho, brincando na rua tenta derrubar uma manga com uma pedrada, mas acaba por acertar o para-brisa de um veículo estacionado nas proximidades. O evento ocorrido gera um conflito na vizinhança e Rami, diante dos olhares curiosos e discriminatórios, é responsabilizada pelo ocorrido. O problema inicial dá o tom que perpassa toda a primeira parte da narrativa: Rami se percebe como ‘ninguém’ na ausência do marido. Para ela, todos os problemas do seu lar se resolveriam se Tony estivesse em casa.

É visível a dependência total de Rami para com Tony. Assim ela reflete:

Um marido em casa é segurança, é proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar (...). Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio (CHIZIANE, 2004, p. 11).

Há, nesse contexto, uma dependência da mulher para com o homem e essa dependência castra sua autonomia para decidir o que é melhor para si e para os filhos. Em uma sociedade patriarcal o sujeito feminino vive à mercê do falo<sup>3</sup>, sua existência é voltada para servir, sua razão de ser e existir no mundo é em torno do homem. Mas isso caberia em outra discussão, pois não é o nosso objetivo neste momento.

A obra pode ser dividida em duas partes: na primeira, o mote literário se pauta na ausência do marido, entendido aqui como representante de uma coletividade, de uma forma de ver/sentir/pensar o mundo a partir de uma ótica falocêntrica; a segunda poderia ser percebida como ‘a subversão de papéis’, já que Rami, também, interpretada como símbolo de uma coletividade, eclipsada pela então ‘superioridade masculina’, aos poucos, alcança certa autonomia. Essa parcela de autonomia

<sup>3</sup> - O falo aqui é símbolo de uma visão de mundo pautada em valores masculinos.

que Rami vai construindo na narrativa e no contexto, é o suficiente para roubar a cena literária e ocupar seu lugar de sujeito histórico, ativo, capaz de provocar reflexões e minar a lógica macho-sexista que permeia a primeira parte da narrativa.

No primeiro momento, Rami expõe angústias e tristezas sobre a vida que leva, refletindo sobre sua neutralidade diante dos combates diários que precisa enfrentar no contexto patriarcal em que está inserida.

Sou uma mulher derrotada, tenho as asas quebradas. Derrotada? Não. Nunca combati. Depois as armas antes mesmo de as empunhar. Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corresse de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos? (CHIZIANE, 2004, p. 18)

Esse fragmento é revelador na medida em que nos deixa a par das condições de vida de Rami. O leitor a percebe, então, como um sujeito despossuído, sem direitos e, pior, sem qualquer perspectiva de autonomia. Mas diante as reflexões uma nova Rami começa a surgir porque coloca em questão a sua própria neutralidade. “[...] a minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua” (CHIZIANE, 2004, p. 18).

A partir do momento em que ela questiona sobre os desejos que, talvez, nunca teve fica em evidência que algumas práticas da cultura moçambicana não fazem mais parte de sua vida. Há, nos trechos citados acima, certo saudosismo que pode levantar a seguinte questão: Se Rami, mostra-se neutra diante os acontecimentos em sua vida e não consegue visualizar uma vida feliz longe de Tony, por que o saudosismo quando fala sobre a cultura dos antepassados? Seria a reflexão e o descontentamento o começo de uma mudança de postura?

Naquela sociedade onde Rami vive as mulheres são criadas, são “existentes”, para não existir por elas próprias. Sua existência passa necessariamente pela figura masculina. Após Tony ir-se para as viagens que dizia fazer a trabalho, ela lamentava-se: “sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal” (IBIDEM). Porém, um dia, depois de muito refletir, ao acordar, nossa protagonista, por razões desconhecidas, se levanta radiante de coragem e força para, à semelhança dos rios, “contornar todos os obstáculos”.

Desperto inspirada. Hoje quero mudar o meu mundo. Hoje quero fazer o que fazem todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor (CHIZIANE, 2004, p. 19).

Percebe-se que neste momento, a protagonista esboça algum ar de esperança. Ir à luta aqui, significa descobrir onde está o marido e quem são as suas amantes das quais ela desconfia ele ter.

Rami sai de casa e vai à procura da amante do esposo. Ambas residem na mesma circunvizinhança, a saber, a parte sul de Moçambique. Na Rua 15, número 20, ela encontra uma jovem e bela senhora que atende por Julieta. Aquela vai porta adentro sem pedir licença em busca de Tony. Não o encontrando, desvela, então, uma enxurrada de palavrões seguidos de um bofete que dá início a uma luta frenética da qual Rami sai quase morta de pancadas. Subestimara sua rival. Ao levar uma saraiçada de socos e pontapés Rami tenta fugir: “socorro, esta mulher me mata! Na altura em que tento fugir, levo uma garrafada na nuca. Vejo estrelas no céu nublado. *Sextoround*: Fui à guerra e perdi o combate” (CHIZIANE, 2004, p. 22). Esta foi a maneira que Rami encontrou de agir, acreditava que batendo na amante o marido se afastaria dela. Mas o encontro dessas mulheres tomou rumos diferentes, o que provocou novas reflexões em Rami.

Essa é a cena do confronto com a primeira das seis amantes que Rami descobrirá ter Tony. Um fato curioso é que depois da sova, Rami cai desacordada e é Julieta, sua rival, quem a leva para sua casa, unta de óleo em suas feridas. “A Julieta levou-me para dentro de casa. [...] Fez-me os pensos para estancar as feridas. Escolheu as suas melhores roupas e me vestiu como uma princesa. Tem um grande coração, esta mulher” (CHIZIANE, 2004, p. 23). Neste segundo momento do encontro, já acordada e remediados os ferimentos, Rami, sentada na sala, de frente para sua arquirrival, observa-a detalhadamente seus modos, suas vestes e percebe que há diferenças entre elas, que elas não são tratadas, por Tony, de forma igualitária.

Avalio-a. Tem unhas pintadas e bem tratadas. Cabelos desfrisados e bem cuidados, coisas que comigo nunca acontecem. O meu Tony proíbe-me de usar adornos e artificios. Quer-me pura tal como Deus me pôs no mundo. A roupa que ela usa foi feita por uma costureira selecionada enquanto eu só uso roupas de fábricas e roupas de segunda mão. (CHIZIANE, 2004, p. 23)

Depois de avaliar sua rival nos mínimos detalhes, desde a unha até os móveis da casa, Julieta narra sua triste trajetória de sofrimento e desventuras. “A minha rival abre-se e conta-me a sua longa história. A sua cama é fria como a minha. Vive numa solidão pior do que a minha. Tem cinco filhos como eu e agora espera o sexto” (IBIDEM). Nesse momento, Rami se dá conta de que sua rival é, na verdade, uma desventurosa que “apontou o dedo no ar e disse que era seu o pássaro em pleno voo” e a narrativa toma ares nebulosos e melodramáticos, pois Julieta, ao tomar a palavra, expõe toda sua amargura, dizendo: “desde que engravidei, faz sete meses” [Tony não aparece]. “Sim”, ela procede, “ele só vem aqui cumprir a vez do divino criador. Semear-me o ventre, para encher a terra no acto da multiplicação” (CHIZIANE, 2004, p. 24).

Ao ouvir o dilúvio de lamentações de Julieta, Rami conclui que “ela é mais uma vítima do que uma rival. Foi caça e traída como eu” (CHIZIANE, 2004, p. 25). Essa conclusão conduz as duas por um caminho de solidariedade o qual as leva a um elo de irmandade que perpassará toda a obra. Esse afeto que as

irmã surge do diálogo no qual, em dado momento, Rami conclui: “Esta mulher tem uma angústia bem pior que a minha. Eu, pelo menos, conheci o sonho e o altar. Tive um marido sempre ao lado em cada um dos cinco filhos que pari (...). A Julieta foi enganada desde a primeira hora” (CHIZIANE, 2004, p. 26). Depois deste evento, Rami retorna para casa e algumas noites depois Tony:

Está a roncar como um sapo, não sei o que lhe deu para vir dormir aqui. Está ao meu lado, mas mais distante que as nuvens no horizonte. Dormiu sem falar comigo. Quando pergunto alguma coisa ele rosna-me um sim ou não e não diz mais nada. É impenetrável como uma pedra maciça, inviolável como uma muralha. Para mim, ele não tem alma nem sopro, não dialoga, não suspira nem sopra (...) parece um cadáver na minha cama. Uma massa de carne. Uma medusa, uma holotúria, um monstro. Parece mais uma geleia movendo-se viscoso sobre o meu leito. Arrepiá-me (CHIZIANE, 2004, p. 28).

Essa descrição é a tônica da relação desse conturbado casal durante boa parte do romance sem muitas novidades que surpreenda o leitor. Por causa dessa pouca mobilidade de acontecimentos e uma não profundidade literária de criação artística, Almiro Lobo (2006, p. 79) diz que “Do ponto de vista estritamente pessoal, a obra não corresponde àquilo que consideramos uma obra-prima da narrativa feita em Moçambique. Dito de outro modo, o romance (...) vive mais do que diz do que da forma que diz aquilo que diz”. Concordando com o crítico moçambicano, uma vez que “a literatura, tal como a concebemos, distingue-se pelo investimento na linguagem e não pelo conteúdo, por mais nobre que o julgemos” (LOBO, 2006, p. 79).

Apesar da crítica sobre o fato de haver pouca mobilidade e inserção de elementos que deem força à narrativa, o romance traz um embate entre a forma de vida decorrente e orientada pela modernidade ocidental, trazida nos porões dos navios europeus e, a tradição autóctone que, insurreta, insiste em resistir aos ventos da ocidentalização. Rami é cristã, esporadicamente vai à igreja, acredita no deus que lhe pintaram os missionários da época colonial. Todavia:

Fico desesperada com este sonho que se repete. Consultei advinhos que me contaram histórias extraordinárias de feitiços de amor feitos por outras mulheres. Não acreditei em nenhuma. As minhas vizinhas falam-me de *midjivas*, esposas e esposos de outro mundo, que, nas vidas anteriores ou na outra encarnação, foram nossos cônjuges e reclamam os seus direitos nesta vida. (CHIZIANE, 2004, p. 30)

Apesar de o projeto supostamente civilizador pretender erradicar as crenças autóctones, enquadrando-as e aprisionando-as dentro de uma visão de mundo que demoniza tudo aquilo que foge ao seu apelo missionário, fica claro que seu êxito foi parcial. As crenças no além, em “almas penadas”, em outras encarnações e espíritos que retornam do mundo dos mortos revelam que as crenças populares

continuam a orientar em alguma medida as práticas cotidianas e a vida das pessoas, principalmente as mais velhas, representantes de um mundo menos europeizado que se orgulha de suas práticas e não abdica de suas raízes culturais. Cabe ressaltar que a obra valoriza as várias línguas ao colocar em cena termos naturais de Moçambique diluídos no corpo do texto. Há inúmeras inserções a ponto de haver um pequeno glossário no final da obra para auxiliar o leitor e situá-lo no contexto linguístico local.

Outro momento de embate cultural diz respeito a possíveis soluções que Rami busca para resolver os problemas matrimoniais. Tony não a procura mais, há tempos não mantém relações sexuais. As pouquíssimas vezes que ele aparece é apenas para trocar de roupa, se alimentar e partir novamente. A fiel esposa, até então, se vê encurralada sem saber o que fazer ou a quem procurar. “A ausência de transformar este amor atraindo-me perigosamente para caminhos nunca dantes pisados” diz ela:

Eu, mulher, casada há vinte anos, mãe de cinco filhos, experiente, andei de boca em boca, de ouvido em ouvido, auscultando de toda a gente a forma mais certa de segurar marido. A minha mãe faz discursos de lamentos. Minhas tias velhotas falam-me de feitiços de natureza vegetal. De origem animal. Outras ainda me falam de correntes espirituais, com batuques, velas, rezas. Outras ainda me falam de terapias de amor feitas em igrejas milagrosas. Outras me recomendam consultas em psicólogas formadas em universidades que dão consulta sobre o amor. (CHIZIANE, 2004, p. 31)

À medida que o leitor avança nas páginas vai se dando conta dos embates constantes que se travam entre os elementos ocidentais e africanos. Temos no trecho acima, um problema muito difícil de ser resolvido: como fazer Tony voltar a amar sua esposa. Outro ponto importante diz respeito a forma como cada sociedade enxerga o mundo. Grosso modo, na cosmovisão africana relatada acima, o mundo é povoado de espíritos que podem ajudar ou dificultar a vida humana. Para aqueles que assim entendem o mundo, no caso, *as tias velhotas, as vizinhas*, há que se recorrer a feitiços, encantamentos, rezas, batuques, terapias em igrejas. Apesar das variantes, há uma tônica constante: o mundo é regido por forças sobrenaturais que os humanos não controlam e, portanto, estão à mercê de tais forças. Ao passo que no segundo momento, temos os elementos do mundo ocidental que a tudo racionaliza e a tudo explica através da técnica e da ciência. “Outras me recomendam consultas em psicólogas formadas em universidades que dão consulta sobre o amor”. Temos aqui outra cosmovisão, aquela regida pelas “leis imutáveis” da ciência que busca explicar como os fenômenos naturais ocorrem, quais suas razões, suas causas e conseqüências. O leitor se depara, então, com um dos elementos característicos da modernidade, a universidade, espaço onde acontece a instrumentalização do saber e que busca, por meio da razão, a superação do mito ou do saber comum, bem como das crenças religiosas.

Na arena literária temos, então, duas formas muito distintas de entender o mundo. A primeira compreende o cosmos como espaço governado por forças misteriosas, espirituais, mágicas e fantásticas. A segunda, narra o mundo a partir de outra lógica, a da racionalidade, da reflexão científico-filosófica. Ambas as formas são válidas e para os pós-estruturalistas, ambas são narrativas. E por serem narrativas as formas de organização da vida passam a ser aquilo que se narra como sendo. Há, assim, uma equivalência, de modo que uma concepção de mundo não se sobrepõe sobre outras, mas estabelecem diálogos de espaços da diferença.

A ciência caberia segundo Pedro Demo (1995, p. 35):

Descrever o universo, definir os termos com precisão para não deixar margem à ambiguidade, cada conceito deve ter um conteúdo específico e delimitado; não pode variar durante a análise [buscando] descrever e explicar com transparência, não incorrendo em complicações (...) distinguir com rigor facetas diversas, não emaranhar termos, clarear suposições possíveis, fugir à mistura de planos da realidade, não caindo em confusão; procurar classificações nítidas, bem sistemáticas de tal sorte que o objeto apareça recortado sem perder muito de sua riqueza.

Lembrando que essa concepção de ciência, melhor dizendo, as narrativas científicas têm seu esteio teórico nas correntes Positivistas que negavam qualquer outra forma de conhecer o mundo. Para elas, o conhecimento é pautado pela possibilidade de se descrever, levantar e testar hipóteses, conceitos, teorias, princípios e procedimentos. Assim, aquilo que fugisse aos seus termos era logo descartado, deslegitimado. Importante ressaltar que o foco deste trabalho não é problematizar o que (não) é ciência, mas entender como a modernidade se faz presente na obra através de suas instituições burocráticas e que tentam, à semelhança de um rolo compressor, modelar e infundir em sociedades não ocidentais seus valores ditos civilizados.

Na arena discursiva em que se digladiam o prêmio de orientar a ação de Rami ganha a tradição. Lê-se então que:

A minha vizinha do lado insiste em levar-me para o curandeiro dela, mas eu preferi matricular-me num curso promovido por uma famosíssima conselheira amorosa que mora num lugar escondido no centro da cidade. Hoje vou ter a minha primeira lição (CHIZIANE, 2004, p. 32).

Nesse momento, há uma prédica inicial interessante. A conselheira fala diferente. Ela diz: “*Pons tias. Poas vintas. Acrateço a sua breferencia bor esda escola*”. A narradora logo trata de esclarecer que ela é macua. “Troca o b por p. Troca o d por t, ela é do norte” (CHIZIANE, 2004, p. 33). No diálogo pouco à vontade e truncado que se segue Rami não se sente bem em compartilhar, com uma estranha, suas intimidades e problemas pessoais.

Contudo, a professora Macua dribla suas defesas e a faz falar de como foram os preparativos para o casamento. Rami explica o que fez, diz dos belos bordados que coseu, das recomendações do padre e da mãe de como ser uma boa esposa, da maternidade, ao que choca a professora, pois nada a ensinaram sobre o amor sexual. O que para uma Macua é inconcebível. “Então não és mulher – diz-me com desdém -, és uma criança. Como queres ser feliz no casamento se a vida a dois é feita de amor e sexo e nada te ensinaram sobre a matéria?” (CHIZIANE, 2004, p. 35). A professora continua falando dos primeiros ritos de passagem da adolescência para a juventude e os de noiva para esposa. Coloca-se, então, um choque de culturas e, conseqüentemente, um estranhamento que deixa Rami maravilhada, pois nunca ouvira falar em *musiro*, raiz com que se produz uma máscara de beleza, tampouco que se lavasse a pele com mel. Nas longas horas desse primeiro encontro:

Dedicamos um tempo à comparação dos hábitos culturais de norte a sul. Falamos dos tabus da menstruação que impedem a mulher de aproximar-se da vida pública de norte a sul. Dos tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres para não ter filhos carecas e não se comportarem como galinhas poedeiras na hora do parto. Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não apanharem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Dos hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e o peçoço. Que culpam as mulheres por todos os infortúnios da natureza. Quando não chove a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas porque sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza. (CHIZIANE, 2004, p. 35-36)

Esse excerto, apesar de extenso, é relevante para a análise uma vez que escancara o papel social feminino, em especial na parte sul de Moçambique, de onde Rami vem. O papel de subalternidade da mulher é exposto e demonstra como em uma sociedade patriarcal a mulher é tratada.

Embora Moçambique esteja a milhares de quilômetros do Brasil, há semelhanças consideráveis no tocante à condição feminina. No Brasil, embora se pretenda um Estado democrático de Direito, se vê rotineiramente a mulher sofrendo estupro físicos e simbólicos, tendo sua condição achincalhada e a imagem de seu corpo reificado. Ainda na senda do embate cultural, a voz narradora descreve, com precisão, algumas diferenças importantes dentro de Moçambique. Assim ela diz:

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do Norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo,

em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com minha mulher esta noite. No sul o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos das trovoadas. Usam o lenço na cabeça como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas. (CHIZIANE, 2004, p. 36)

Outro fragmento longo, mas que oferece uma visão mais apurada acerca das diferenças locais que, embora dentro de um mesmo país não muito extenso, se estende nas peculiaridades culturais. Vem à baila, então, um conceito importante que, ao que parece, permeia as sociedades humanas independentemente da localização espacial e/ou temporal, a saber, etnocentrismo. Segundo Everardo Rocha (1984, p. 7):

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

Esse conceito da antropologia é explicado de forma muito simples e acessível no romance, na medida em que os diálogos são travados entre Rami e as demais personagens que povoam a obra a partir da segunda parte do livro. Outros conceitos se inserem de forma sutil e clara, talvez, porque como bem pontuou Almiro Lobo (2006, p. 79), esse romance de Chiziane “se constitui de uma transposição de relatos orais, transmitidos numa atmosfera de cumplicidade e secretismo”. Dito de outro modo, o fluxo narrativo flui aceleradamente por apresentar algumas características da oralidade, característica marcante em algumas sociedades africanas. Na parte de apresentação da obra consta que “neta de uma contadora de histórias, Chiziane herdou da avó o talento narrativo e construiu um enredo repleto de peripécias, numa prosa vivaz e saborosa”. A narradora privilegia confrontos culturais que se desdobram em violências física e simbólica, os embates se travam por motivos óbvios: cada mulher reclama para si, o ser mais bela, mais atraente, se vestir melhor, cuidar melhor do marido, ter truques na cama mais eficazes. A relação de alteridade que se estabelece entre elas é melindrosa e excessivamente problemática.

Outro problema cultural se estabelece e é explicado adiante quando Rami se sente ressentida por, outra vez, a professora afirmar que ela, por não ter passado

pelos ritos de iniciação, é ainda uma criança. A protagonista replica que: “meu pai era um cristão ferrenho, de resto a opressão do regime colonial foi muito mais forte no sul do que no norte” (CHIZIANE, 2004, p. 37). Essa explicação coíbe qualquer julgamento etnocêntrico por parte de alguém do norte, uma vez que ambos, como dito acima, enfrentaram níveis de opressão e exploração flutuantes. À Rami é explicado que nas escolas de amor se aprende as artes da:

Sedução, de maternidade, de sociedade. (...) Na iniciação aprendes a conhecer o tesouro que tens dentro de ti. A flor púrpura que se multiplica em pétalas intermináveis, produzindo todas as correntes benéficas do universo. Nos ritos de iniciação habilitam-te a viver e a sorrir. Aprendes a conhecer a anatomia e todos os astros que gravitam dentro de ti (CHIZIANE, 2004, p. 37-38).

Dentro da cosmovisão nortista, mais especificamente Macua, uma mulher sem ter sido iniciada não:

Pode casar [porque] ninguém te aceita. Se te aceita, logo depois te abandona. Não podes participar dum funeral, muito menos aproximar-te de um cadáver, porque não tens maturidade. Nem podes assistir a um parto. Não podes tratar dos assuntos de um casamento. Porque és impura. Porque não és nada, eterna criança (CHIZIANE, 2004, p. 38).

Há, recorrentemente, o confronto de formas diferentes de concepção de instituições sociais bem como dos papéis sociais que cada indivíduo tem de exercer no grupo. Cada sujeito deve agir dentro do *script* a ele elaborado e delegado, culturalmente definido. Rami sente considerável estranhamento quanto aos costumes nortistas. A professora fala de coisas “estranhas” que geram, naquela, profundo desconforto e assombro. É dito a ela, nesse ínterim, que o marido é para ser compartilhado.

Por que não? A vida é feita de partilhas. Partilhamos o sangue com o moribundo na hora do perigo. Por que não podemos partilhar o marido na hora do perigo? Emprestamos dinheiro, comida e roupa. Por vezes damos a nossa vida para salvar alguém. Não achas mais fácil emprestar um marido ou esposa do que dar a vida? (CHIZIANE, 2004, p. 39)

As perguntas feitas revelam uma perspectiva de orientação da vida muito diferente daquilo que Rami está acostumada. Depois do choque de culturas do norte e do sul de Moçambique, a personagem, na tentativa de entender o que ouve, imerge em uma longa reflexão donde é o oportuno transcrever, a seguir:

As culturas são fronteiras invisíveis construindo a fortaleza do mundo. Em algumas regiões do norte de Moçambique, o amor é feito de partilhas. Partilha-se mulher com o amigo, com o visitante nobre,

com o irmão de circuncisão. Esposa é água que serve ao caminhante, ao visitante. A relação de amor é uma pegada na areia do mar que as ondas apagam. Mas deixa marcas. Uma só família pode ser um mosaico de cores e de raças de acordo com o tipo de visitas que a família tem, porque mulher é fertilidade. (CHIZIANE, 2004, p. 39)

Não se pode perder de vista que se trata de uma sociedade matrilinear em que é a mãe, não o pai, o centro da comunidade. “Porque na reprodução humana só a mãe é a certa”, conclui a narradora. A aula segue e o leitor é colocado em contato com outros fatos da filosofia local, em que os homens dali aprendem a tratar a mulher como a própria mãe. “Toda mulher é personificação da mãe, quer seja esposa, concubina, até mesmo uma mulher de programa” diz a professora (CHIZIANE, 2004, p. 40). Ao homem é ainda ensinado a agradecer a Deus toda a cor e luz que a mulher dá, porque sem ela não haveria vida na terra. Nessa perspectiva, o homem “jamais bate na sua mãe, na sua deusa, na sua criadora” (IBIDEM). Nas lições, Rami aprende que corpo de mulher é feitiço, “corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo inteiro cabe nas curvas de uma mulher” (CHIZIANE, 2004, p. 42).

Novamente, outra comparação é feita entre norte e sul. Nesse último, os homens não gostam de pele lisa, escorregadia. Por isso as “mulheres da geração antiga têm tatuagens grossas nas ancas, no ventre, no peito, no rosto, para tornar a pele rugosa e, assim, agradar o tato. Chegamos a um consenso: o sensual é também cultural” (IBIDEM).

Após a discussão acerca da sensualidade, vem à pauta questões gastronômicas com quais parece não haver consenso. No sul, os homens comem da galinha as melhores partes: as coxas e, principalmente, a moela. Rami se assusta ao ouvir que, também, no norte há essa tradição que, segundo ela, deve ser combatida. Outras discussões elencadas dizem respeito a um costume comum em algumas sociedades africanas, a saber, a excisão feminina que se caracteriza pelo corte e/ou remoção do clitóris total ou parcial e, em seguida, “cose-se, deixando apenas um minúsculo orifício para o escoamento da urina e do sangue menstrual”. Segundo Ana Glória Lucas:

Entre as razões invocadas para justificar esta tradição não podiam faltar as que se prendem com a saúde. Há sociedades que acreditam que um homem poderá morrer se o seu pênis tocar no clitóris de uma mulher. Não faltam também os que acreditam que um bebê morrerá se, ao nascer, a sua cabeça tocar no clitóris ou que o leite materno acaba por ficar envenenado. Ou ainda que as mulheres não excisadas poderão nem sequer conceber filhos mais tarde. Existe igualmente a crença de que a excisão ajuda a prevenir o cancro da vagina e as doenças nervosas. Ou ainda razões de cariz estético: o rosto da mulher que passou pela excisão torna-se mais belo.

Na contramão do exposto acima, na perspectiva macua, o prazer é algo a ser estimulado, aqui os genitais são alongados por motivos explicados mais

adiante. Rami lastima-se por não ter tido acesso a esses saberes na juventude. Ela explica que, como no sul, a presença colonial foi mais intensa, consequentemente, a presença missionária cuidou de estabelecer essas “práticas como heresias para destruir um saber que nem eles tinham” (CHIZIANE, 2004, p. 44). A voz narradora se indigna ao ver que toda a sua preparação para o casamento foi em vão, ao perceber que:

Fui atirada ao casamento sem preparação nenhuma. Revolto-me. Andei a aprender coisas que não servem para nada. Até a escola de ballet eu fiz – imaginem! Aprendi todas aquelas coisas das damas europeias, como cozinhar bolinhos de anjos, bordar, boas maneiras, tudo coisas da sala, do quarto nada. (CHIZIANE, 2004, p. 44)

O excerto acima já aponta para um desarranjo social, fruto não apenas do contato com o colonizador, mas, sobretudo, em decorrência da interferência direta daquela forma de organização da vida autóctone. Houve uma desestruturação na medida em que os ocidentais invadem e tentam impor seus valores como modelos a serem seguidos. E a empresa colonial obteve considerável êxito, pois conseguiu, em partes, desestabilizar reinos que, há séculos, haviam se consolidado. A divisão antecedeu a queda de algumas civilizações africanas que, desde então, vivem fraturadas, cindidas ao meio, dado a mudança e inserção cultural alienígena.

A narradora se frustra e se revolta por causa da desordem acarretada pela proibição de costumes locais milenares, a exemplo disso, a poligamia e os ritos de iniciação que foram, senão totalmente abolidos em algumas regiões, proibidos pelo regime colonial que tentou suplantar os valores locais e negá-los para, em seu lugar, preencher com os seus próprios, Rami se pergunta a razão de ninguém nunca ter-lhe falado da origem da poligamia. “Por que é que a igreja proibiu estas práticas tão vitais para a harmonia de um lar? Por que é que os políticos da geração da liberdade levantaram o punho e disseram abaixo os ritos de iniciação?”, indaga (CHIZIANE, 2004, p. 45).

O leitor percebe, diluídas no texto, cáusticas críticas àqueles que adotaram acriticamente os valores europeus. Ao se perguntar sobre o fechamento das “escolas de amor”, “diziam eles que essas escolas tinham hábitos retrógrados”. Em lugar de “destruir as escolas de amor, por que não reformá-las? O colonizado é cego, diz ela, destrói o seu, assimila o alheio, sem enxergar o próprio umbigo. E agora?” (CHIZIANE, 2004, p. 45). Os assimilados são aqueles que negaram seus próprios valores e absorveram aqueles do colonizador. Aqui temos, talvez, o tipo de colonização mais eficaz que pode haver a *colonização do imaginário* (GRUZINSKI, 2003, p. 27).

A chegada dos europeus, sobretudo a partir da Conferência de Berlim (HERNADEZ, 2005), em 1885, e sua inserção nos valores indígenas e africanos, acarretou, ao longo do tempo, outra forma de significar o mundo para as sociedades ali existentes. Toda uma cosmogonia foi afetada porque outra perspectiva foi ventilada no seio social vigente. Parafraseando Gruzinski (2003, p. 35),

semelhantemente ao que aconteceu com os ameríndios, a mentalidade africana também mudou lentamente devido à penetração do cristianismo que não implica apenas em um problema de ordem teológica, mas, sobretudo, implica em uma brusca mudança da visão de mundo, “da concepção de permissão e interdição, de temporalidade, de sentido da existência e da própria teogonia e cosmogonia”.

Rami se mostra sensível aos traumas decorrentes de tais mudanças na orientação dos valores de seu povo. “Na nossa terra há muito desgosto e muita dor, as mulheres perdem os seus maridos por não conhecerem os truques de amor” (CHIZIANE, 2004, p. 45). Ela enfrenta sérios problemas porque, segundo sua professora, representante de uma visão de mundo, o amor envolveria “coração, corpo, alma, sonho e esperança. O amor é o universo inteiro e por isso nem a anatomia nem a cardiologia conseguiram ainda indicar o lado do coração onde fica o amor” (IBIDEM). “As profundas mudanças e o descarrilamento político” (AUGEL, 2007, p. 163) em solo africano engendraram mazelas em todos os níveis, desde o econômico passando pela organização familiar, a monogamia foi imposta, até a religiosa. A narrativa se tece sensível ao maior dos males que os povos africanos podiam sofrer: a autocolonização.

Para Moema Parente Augel (2007, p. 156),

A autocolonização vai ainda mais longe que o neocolonialismo imposto pelos governos periféricos a seu próprio povo. Segundo Andrea Allerkamp (1991), a colonização interna refere-se a processos dentro do próprio sujeito que, como um território, é invadido por elementos de fora, explorado e submetido, colonizado, enfim. As conquistas, ocupações de áreas geográficas se estendem até as latitudes do subconsciente, do eu historicamente civilizado. Os indivíduos dos Estados “periféricos – e não apenas as instâncias econômicas e políticas – assumem os valores que são ditados pelo ‘Centro’.”

Esse trecho aponta para o perigo oriundo da internalização de valores e saberes não locais, no sentido de supervalorizar os elementos externos em detrimento dos seus próprios. Esse tipo de dominação que se estende “até as latitudes do inconsciente” aponta outra faceta do (neo)colonialismo. Há que se reconhecer, porém, que onde quer que o imperialismo europeu tenha chegado encontrou duras resistências. Não se pode falar, então, em uma possível passividade autóctone. Pelo contrário, guerras de resistência foram travadas e em alguns casos, como na Etiópia e no Haiti, os europeus foram expulsos. Toussaint Louverture, líder da revolução haitiana que venceu o exército napoleônico no final dos setecentos é um exemplo disso.

Os traços políticos do romance se entrelaçam aos culturais numa “dialética da diferença”, digamos assim, e nesse movimento conflitivo que Rami estabelece com cada uma das amantes de seu esposo, vemos emergir uma nova forma da esposa perceber o seu casamento. Depois do encontro de Rami com a primeira mulher que descobre ser amante do marido, vem a segunda que atende por nome de Luísa. O encontro com a segunda amante não deixa nada a desejar, em termos

de confronto, com o primeiro. A diferença é que os laços de amizade não se solidificam em casa, mas na delegacia, lugar que as duas vão depois de se entregarem a socos e xingamentos em via pública.

Uma cela abarrotada de mulheres marginais de toda espécie. É uma cela pequena. Quente. Apinhada de gente. Tocamos nos corpos umas das outras, quando queremos mover um braço ou uma perna. Um roubaram. Outras violaram sexualmente outras mulheres. Algumas criaram desordem pública como nós. O calor fermenta os corpos, revelando quão pútrido é o ser humano. Aqui cheira a sangue, cheira a parto. Cheira a gente. Cheira a mulher. A calor. As menstruadas cheiram à distância como latrinas a céu aberto. Este lugar aquece, fede, enjoa. Apelo à força dos deuses para suportar aquela tortura. (CHIZIANE, 2004, p. 50)

O fato de estarem em pé de igualdade frente a situação difícil em que ambas se cravaram contribui sobremaneira para que se aliem e se fortaleçam mutuamente. Rami apela ao policial dizendo que seu esposo é o chefe da polícia. Depois de muito insistir o policial a ouve, após conferir seus dados e seu relato acaba por libertá-la. Aqui, Rami se compadece por Luísa e, ao reconhecer que fora a culpada pelo incidente, pede ao guarda que liberte sua rival, agora mais irmã e vítima de um “garanhão reprodutor” do que algoz. A protagonista do evento, observando Luísa, conclui que essa é Xingondo, “nome pejorativo com que os habitantes do Sul de Moçambique tratam os do Norte” (CHIZIANE, 2004, p. 337). Surge então, informações preciosas sobre os costumes do lugar de origem de Luísa.

Venho de uma terra onde os homens novos migram e não voltam mais. Na aldeia natal só há velhos. Tenho oito irmãos, cada um com o seu pai. A minha mãe nunca conseguiu um marido só para ela. Do meu pai só ouvi falar. Desde cedo aprendi que homem é pão, é hóstia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio. Na minha aldeia, poligamia é o mesmo que partilhar recursos escassos, pois deixar mulheres sem cobertura é crime que nem Deus perdoa. (CHIZIANE, 2004, p. 55)

Esse diálogo brinda o leitor ocidental com uma forma “inusitada” de organização familiar. Monogamia é algo que não faz parte daquela comunidade que se organiza matrilinearmente. O que faz com que Luísa não dê muita importância ao fato de Tony não a visitar mais com frequência, dado que está agora com uma quarta mulher, a saber, Sally, “uma macondé nervosa que vive no Bairro Central.” (CHIZIANE, 2004, p. 57). Ao procurar Saly, Rami descobre haver outra que atende por nome de Mauá Salé. Após tantas descobertas, a narradora já confusa, tenta organizar os pensamentos e colocar em ordem os nomes de tantas rivais: tinha

Eu, Rami, sou a primeira, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa,

a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, a apetecida é a quarta. Finalmente a Mauá Salé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida (CHIZIANE, 2004, p. 58).

Inegável é a submissão de Rami, tentando de muitas formas manter seu marido mais próximo dela e longe das amantes. As ações que promove a fim de resolver os problemas familiares, no entanto, a levam para uma solidão permeada de reflexões sobre os conselhos sentimentais, aos quais falharam; as brigas com as rivais que lhe trouxe dores no corpo e aborrecimentos; e sobre a própria solidão que precisava conviver por causa da ausência do marido em casa. Dessa forma, conclui: “Do amor o que ganhei eu? Nada! Chatices, só chatices. Enquanto me chateio, meu marido não pára de fazer das suas. Ele é como uma enguia nas águas revoltas, nunca o conseguirei segurar.” (CHIZIANE, 2004, p. 67)

A aflição da protagonista em relação a situação em que se encontra, não parece ter, para as amantes de Tony, a mesma proporção. À medida que o leitor vai sendo apresentado a cada uma dessas mulheres o que se revela, principalmente, são as peculiaridades culturais de cada uma delas.

Moçambique é apresentada, nesta narrativa, por intermédio dessas mulheres que pertencem a regiões diferentes do país e que, por conta disso, assumem posturas sobre as traições de Tony. Mesmo com todas as diferenças que existem entre Rami e as quatro amantes de Tony, existe uma força motivadora entre elas, sendo, portanto, o ponto em comum que estabelece nestas relações: Há uma vontade, por parte delas, de reconhecimento e de ter um marido que supra suas necessidades sexuais e materiais. A própria Rami, reconhece, em suas reflexões solitárias que está triste e insatisfeita com a ausência do marido em casa. Rami foi criada nos princípios cristãos e acredita no casamento monogâmico. “Quase todas as sociedades africanas eram polígamas: os homens podiam ter várias esposas. E é assim até hoje, exceto entre aqueles que seguem zelosamente o cristianismo.” (SILVA, 2012, p. 56)

Diferente de Rami, as amantes que não eram do sul de Moçambique, lugar onde a colonização europeia se fez presente fortemente e como consequência o cristianismo, seguiam as tradições africanas, sendo adeptas ao casamento polígamo. No casamento polígamo, o marido poderia ter tantas esposas quanto ele pudesse sustentar e cuidar. Esta prática segundo os diálogos que se pode acompanhar no romance de Chiziane, não é um problema, mas sim, uma forma de organização em que faz parte da cultura de alguns países da África.

O problema real surge quando as práticas tradicionais da África chocam-se com as práticas advindas do processo de colonização. A modernização da África pelos colonizadores europeus deixou suas marcas no continente, mudando a forma de organização econômica e cultural de algumas regiões.

O foco deste trabalho, como mostrado anteriormente, é especificamente sobre as consequências na organização cultural de algumas comunidades e na forma com que afetam na construção da identidade de um povo. Caso, específico na obra é o de Rami, que tenta conciliar a todo momento a cultura africana (casa-

mento polígamo) e a cultura deixada pelos colonizadores de sua terra (casamento monogâmico). E Rami desabafa: “Será que não tenho o direito de ser ouvida pelo menos uma vez na vida? Estou cansada de ser mulher. De suportar cada capricho. Ser estrangeira na minha própria casa. Estou cansada de ser sombra.” (CHIZIANE, 2004, p. 203)

O encontro entre as mulheres aconteceu e nada poderia mudar o quanto difícil seria lidar com as diferenças entre elas. Mas nos últimos capítulos da obra, Rami surpreende os leitores a partir do momento que de frágil assume uma postura de estrategista para conseguir contornar a situação. Primeiro Rami mantém reuniões secretas entre as “rivais” e nestas reuniões compartilham dos mesmos anseios e desejos. O resultado é a união de mulheres injustiçadas tanto no casamento monogâmico, quanto no polígâmico e que estão dispostas a lutarem com as armas que têm, apropriando-se das próprias leis estabelecidas dentro da comunidade para reivindicarem seus direitos.

### Conclusão

A ocidentalização inserida em algumas partes da África mudou, de forma significativa, a cultura local. Nessas peculiaridades de cada povo, cultura e nação, não há certo ou errado. O que há são maneiras de viver e enxergar o outro e isto está bem representado na obra de Chiziane.

Sabe-se, ao ler Niketche, que entender Moçambique não cabe apenas aos livros de História. A narrativa literária é aliada importante nesse processo de compreender a(s) história(s) e a(s) cultura(s) africana e é neste viés que o trabalho articula os costumes de Moçambique e desmistifica a ideia de uma África culturalmente igual. Mesmo antes das intervenções culturais vindas dos colonizadores e mercadores que iam à África, cada comunidade africana tinha e ainda tem sua forma intrínseca de conviver, de se organizar.

Rami mostra-se frágil em um primeiro momento, diante da complexidade das relações diferentes existentes em Moçambique, mas à medida que conversa e conhece melhor cada uma das amantes de Tony, ela passa a adotar estratégias para que todas as mulheres envolvidas tenham o mesmo direito. A ideia de amizade, força, luta e ao mesmo tempo independência financeira diante as injustiças cometidas no casamento, seja um casamento polígamo, ou monogâmico, é o que as unem. As relações humanas, independente de grupo social é o que prevalece nessa narrativa. Mesmo aninhada a verossimilhança a literatura faz conhecer e refletir sobre uma cultura, sobre as relações humanas e isto está sim, bem próximo da realidade.

## Referências

AUGEL, Moema Parente. Pós-colonialismo, Neocolonialismo, Anticolonialismo. In: AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escambo**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras: 2004.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1995.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário**: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII. Companhia das Letras. 2003.

HERNANDEZ, Leila Hernadez. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LOBO, Almiro. Niketche, uma história de poligamia: a moçambicanidade revisitada. IN: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

ROCHA, Everardo Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. Ed. Brasiliense, 1984.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

\* Hélio Márcio Nunes Lacerda:

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5262380256848582>

\* Lianja Soares Aquino:

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/558272764958965>

